

## EDUCAÇÃO FÍSICA E AUTISMO: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA MEDIADA PELO CURRÍCULO FUNCIONAL NATURAL

Vanessa Marocco  
Carla dos Reis Rezer

### RESUMO

A Educação Física na contemporaneidade, transita por muitos contextos, nos quais designa importantes contribuições e possíveis enfrentamentos. Nesta perspectiva, pensamos na Pessoa com Deficiência, e o Autismo como especificidade elencada para uma intervenção pedagógica, que tem como balizador o Currículo Funcional Natural (CFN). Problematizamos analisar quais possibilidades pedagógicas a Educação Física pode trazer para beneficiar os indivíduos autistas, em suas potencialidades. O estudo se desenvolverá com uma turma de autistas da Escola de Educação Básica Recanto da Esperança – APAE/Chapecó - SC/Brasil. Assim entendemos que novas possibilidades pedagógicas através da Educação Física, permitem a reflexão acerca do papel da mesma.

Palavras-chave: Educação Física, Autismo e Currículo Funcional Natural

### RESUMEN

La educación física en el contemporaneidade, tránsitos para muchos contextos, en los cuales asigna a las contribuciones importantes y a las confrontaciones posibles. De esta perspectiva, pensamos de la persona con deficiencia, y del Autismo como elencada del especificidade para una intervención pedagógica, que tiene como fabricante Currículo Funcional natural (CFN). Problematizamos a analizar que las posibilidades pedagógicas la educación física pueden traer para beneficiar a los individuos de los autistas, en sus potencialidades. El lugar de Hidding del estudio de la esperanza será desarrollado con un grupo de los autistas de la escuela de la educación básica - APAE/Chapecó - SC/Brasil. Así entendemos que las nuevas posibilidades pedagógicas con la educación física, permiten la reflexión referente al papel de el mismo.

Palabras-clave: Educación Física, Autismo e Currículo Funcional natural.

### ABSTRACT

The Physical Education in contemporary, carried by many contexts, which means significant contributions and possible confrontations. Accordingly, we believe the 'Person with Disabilities', and Autism as listed for a specific educational intervention, which is marked as the Functional Curriculum Natural (FCN). We analyze the possibilities problematization teaching Physical Education can bring to benefit the autistic individuals and its potential. The study will be developed with a class of autistic of the Recanto da Esperanca School - APAE Chapeco - SC Brazil. Thus we believe that new educational opportunities through Physical Education allow reflection the function of it.

Key words: Physical Education, Autism and Functional Curriculum Natural.

## Introdução

Estar na sociedade com limitações das mais variadas naturezas nos é proposto intermitentemente. Interpretações equivocadas, erros e aprendizagens são enfrentamentos comuns quando nos deparamos com limitações. A Educação Física como área de conhecimento, tem demonstrado na contemporaneidade, este enfrentamento acerca de sua história e do que está construindo como conhecimento a partir de então. Como uma criança, teve seu momento de aprendizagem essencialmente através dos erros, neste caso de práticas pedagógicas e intencionalidades ainda refletidas, porém, como um adolescente, inicia uma caminhada independente, construindo sua identidade e, portanto pensando nos passos que estão sendo dados, tentando compreender sua historicidade.

Pensando desta maneira, em conjunto com a Educação Física(EF), a Educação Especial (EE), também teve modificações, quanto aos seus objetivos, sua estrutura e outros fatores. A intencionalidade tanto da EF como da EE, na contemporaneidade, tende alcançar e desenvolver as potencialidades dos indivíduos, deficientes/diferentes.

No presente estudo, como escolha fundamentada por interesse e vivência, tratamos da deficiência Autismo, que de forma desafiante se apresenta como uma deficiência das mais instigantes. Pois segundo Bosa (2002), pela linha de estudos construída na sua historicidade, e pela quantia atual de publicações apresentadas, além desta deficiência complexa apresentar algumas características em aberto, esta necessita de interpretações que perpassam a subjetividade do profissional que lida diretamente com a mesma.

De acordo com a responsabilidade social e científica que a EF têm, humildemente viemos por meio deste trabalho, contribuir com todos os estudos até então produzidos, buscando traçar uma estreita relação entre Educação Física e Autismo, pensando numa intervenção pedagógica que será mediada por uma metodologia já existente no âmbito da Educação Especial, o Currículo Funcional Natural (CFN).

Este estudo pretende analisar as possibilidades pedagógicas que podem beneficiar os autistas em suas potencialidades, através da especificidade da Educação Física, mediadas pelo CFN. Também fazem parte deste trabalho os seguintes objetivos específicos: aproximar o aluno autista do professor/pesquisador; conhecer a família dos alunos autistas; investigar possibilidades de aproximação/articulação do CFN com a prática pedagógica da EF; transformar situações e/ou ações da família do aluno autista, em seu contexto natural, em posteriores ações pedagógicas da EF; promover ações pedagógicas através da aproximação/articulação entre educação física e currículo funcional natural; analisar a partir das percepções de pais, professor da instituição e professor/pesquisador, se houveram benefícios/mudanças no comportamento do aluno autista a partir da execução da pesquisa.

## Aspectos Metodológicos

É preciso esclarecer que este estudo trata-se de um projeto com base na prática metodológica da pesquisa-ação<sup>1</sup>, estando em desenvolvimento durante o primeiro

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão do Curso(TCC) de Licenciatura em Educação Física da UNOCHAPECÓ – realizado em Chapecó/SC

semestre de 2009, que traz consigo as características que atendem de forma mais abrangente a intervenção desejada.

Thiollent (2004, p. 7) menciona que “a pesquisa-ação, além da participação, supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico ou outro que nem sempre se encontra em propostas de pesquisas participantes.” Portanto, esta pesquisa tem a participação em suas ações, tanto de pesquisadores quanto de pesquisados, porém, além da participação, existe a necessidade precípua de um planejamento sólido para a execução das atividades objetivadas, diferentemente das pesquisas somente de cunho participativo.

A pesquisa-ação tem como um dos seus principais objetivos, além da relevância científica e social, apresentar possibilidades para responder eficazmente os problemas vividos diariamente, justamente por ter caráter de pesquisa e posterior ação, resultando em um censo de resposta mais apurado, conforme Thiollent (2004), o que neste trabalho também desenvolvemos.

Para realizar esta pesquisa, endossamos a idéia que Tripp (2005) apresenta, de que a pesquisa-ação detém características que promovem e qualificam o conhecimento, citando algumas destas características metodológicas, como sendo: inovadora, contínua, pró-ativa estrategicamente, participativa, intervencionista, problematizada, deliberada, documentada, compreendida, disseminada.

Para o planejamento, nos organizamos no que de específico a pesquisa-ação traz consigo, neste caso, o relacionamento dos dois tipos de objetivos requeridos a esta prática. Conforme Thiollent (2004) suas funções são:

- a) Objetivo Prático: contribuir para o melhor equacionamento possível do problema considerado como central na pesquisa com levantamento de soluções e proposta de ações correspondentes às “soluções” para auxiliar o agente (ou ator) na sua atividade transformadora da situação.[...]
- b)[...]Objetivo de conhecimento: obter informações que seriam de difícil acesso por meio de outros procedimentos, aumentar nosso conhecimento de determinadas situações.

Enquanto objetivo prático, o Currículo Funcional Natural mediará nossa intencionalidade perante o indivíduo com espectro autista, promovendo situações de aproximação das aprendizagens à sua realidade, através de *caminhos* que tenham *funcionalidade* na vida diária destes indivíduos e que não de forma mecânica, mas *naturalmente*, possam contribuir de maneira expressiva na sua formação enquanto ser humano. Em relação aos objetivos de conhecimentos, as etapas procedimentais de observação, interação com o autista e, participação com e da família, serão cruciais para a análise do processo de avaliação posterior, complementando a intervenção como docente em conjunto com a professora titular da disciplina na instituição.

A população desta pesquisa foi identificada por seus indivíduos serem Autistas, pertencendo a um grupo maior de Transtornos Invasivos do Desenvolvimento Humano, que freqüentam a Escola de Educação Básica Recanto da Esperança – APAE/Chapecó.

Esta amostra se caracteriza pelo trabalho com uma turma de alunos autistas desta entidade composta por quatro alunos, que frequentam regularmente a instituição no turno vespertino.

Como iniciação do processo de pesquisa, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido(TCLE) foi proposto aos responsáveis pelos sujeitos.

Um dos instrumentos do estudo trata-se do *Currículo Funcional Natural*. “A proposta deste CFN está baseada na funcionalidade das habilidades a serem adquiridas e na manutenção destas através de contingências naturais de aprendizagem” (SUPLINO, 2007).

A observação é instrumento processual, indispensável a esta pesquisa por basear a criação do vínculo com o autista e sua família, os registros para a seleção das habilidades, posteriormente realizadas, e principal referência para a análise dos dados.

Como diário de campo formal selecionamos o modelo adaptado de conhecimento da criança, de Williams e Wright (2008), utilizado para os registros das observações realizadas, estruturado por questionamentos fechados, a fim de mostrar os possíveis caminhos para entender o comportamento do autista. Também utilizamos um diário de campo informal, sem questões prévias e marcadas por páginas em ordem crescente, com função de registrar situações/comportamentos que eventualmente acontecem, que não se encaixem nas questões apresentadas no diário de campo formal.

Para a criação do vínculo com o autista e sua família, uma *entrevista semi-estruturada de aprofundamento de conhecimento* foi realizada, em relação às atividades exercidas pelo autista, elaborada durante o período inicial de observação, baseada, também, no modelo adaptado de conhecimento da criança, proporcionando a criação do vínculo desejado.

Na finalização desta pesquisa, dando subsídios a este momento de reflexão essencial referente às ações pedagógicas já realizadas, posteriormente a aceitação de um TCLE, serão aplicadas entrevistas semi-estruturadas, à família dos autistas e ao professor de educação física, titular da disciplina da instituição. Embora algumas questões se diferenciem nas entrevistas, ambas terão o intuito de complementar e contemplar o processo pedagógico de ensino-aprendizagem, convergindo ou divergindo dos resultados que serão obtidos.

Esquematizando as fases do ciclo da investigação-ação, caracterizado dentro da pesquisa-ação no Diagrama-1, por Tripp (2005), é proposto então um plano de trabalho para que o processo de ensino-aprendizagem possa trazer a possibilidade de sustentação, do que muitas pesquisas enfatizam, ou seja, uma relação construtiva, de conhecimento significativo e relevante, para o pesquisador, o pesquisado e conseqüentemente para a sociedade.

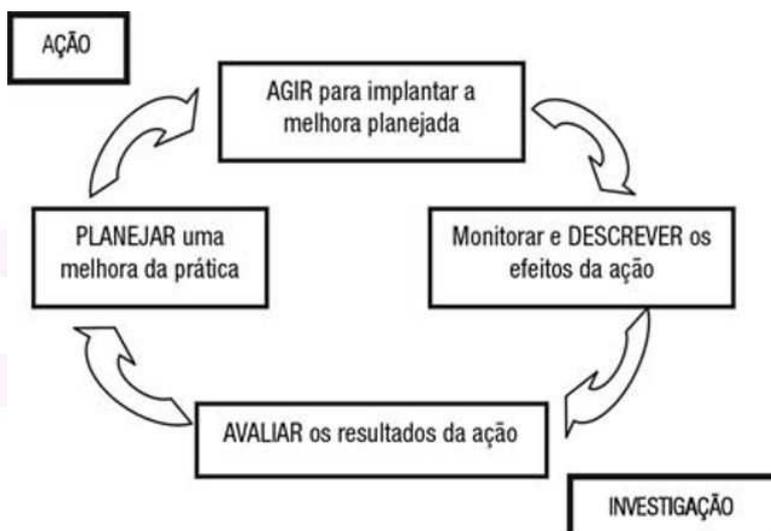


Diagrama-1. Fonte: Educação e Pesquisa, set./dez. 2005 p.

O planejamento consiste em direcionar a intencionalidade da Educação Física através de seus conteúdos para o trato com o autista, com uma das metodologias utilizadas pela educação especial, neste caso o CFN, conforme citado anteriormente.

A ação interventiva ocorre em três etapas:

- ✓ *Criação do Vínculo*: momento em que, o diagnóstico de conhecimento dos autistas em relação ao seu comportamento e seu contexto natural tem prioridade;
- ✓ *Interação com a família*: complementação do conhecimento das funcionalidades naturais do indivíduo, sendo o fator crucial para escolha das habilidades a serem trabalhadas, além da possibilidade de conhecer o contexto da família na sua totalidade, momento este, essencial para a proposta metodológica;
- ✓ *Ação Interventiva Específica*: processo de docência, que acontecerá em conjunto com a professora titular da disciplina, com o desenvolvimento de atividades na disciplina de EF que contemplem de maneira funcional e natural os indivíduos tratados, na perspectiva de melhorar sua qualidade de vida.

O monitoramento está sendo realizado de forma simultânea às observações nos diferentes espaços, à interação com a família e às ações interventivas, através do diário de campo formal, juntamente com o diário de campo informal, servindo como suporte para posterior análise, quanto à mudanças, condições de ensino, entre outros pontos.

O processo de avaliação basear-se-á minuciosamente pelas descrições obtidas nas ações executadas com os alunos e família, demonstrando se houve mudanças no comportamento do autista, no período da pesquisa, analisando as possibilidades pedagógicas que a EF trouxe para qualificar o processo de ensino-aprendizagem de tais indivíduos e como se deu esta relação direta da EF intervindo nas atividades naturais/funcionais de cada indivíduo.

Na busca de qualificar o processo avaliativo, as informações obtidas nas duas entrevistas finais, com a família e o professor, também serão essenciais, por entendermos que as várias percepções, apresentam de forma mais complexa, o resultado de uma pesquisa. Estes procedimentos nortearão todo o desenvolvimento da pesquisa-ação, objetivando suprir as necessidades educacionais especiais, apresentadas pelas habilidades selecionadas durante o período de observação, no seu contexto natural, afirmando a idéia de Minayo (1994, p. 13) onde “a pesquisa social é sempre tateante, mas ao progredir, elabora critérios cada vez mais precisos”.

A partir da execução deste estudo, os dados coletados estão sendo analisados processualmente de acordo com o que os autistas apresentam, inicialmente enquanto habilidades selecionadas, e o que apresentarão no período final da ação interventiva, através dos registros dos diários de campo, e das entrevistas aplicadas para a família, para o professor titular da disciplina de EF na instituição e interpretação do professor/pesquisador, fornecendo os dados para possíveis críticas ou reforços acerca de tal método.

Num processo de análise, com interpretações diferentes, pensamos identificar fatores positivos e/ou negativos, relacionados à metodologia usada na pesquisa (CFN), podendo instigar o melhoramento das práticas pedagógicas exercidas pelo professor de educação física.

Na sequência das quatorze intervenções realizadas, a curto e médio prazo, o que se avaliará serão as práticas das habilidades selecionadas, no grau mais autônomo

possível, portanto, quanto mais autonomia o autista obter em relação ao seu meio natural, maior poderá ter sido a eficácia do método.

Neste raciocínio, poderemos identificar situações e possibilidades, passíveis de uma intervenção significativa tanto para professor/pesquisador, quanto para o autista envolvido neste processo pedagógico.

## Educação Física e Autismo : relações com o CFN

A Educação Especial vem contribuir para com as pessoas em suas especificidades dentro do processo de ensino-aprendizagem e em sua vida diária, contemplando a idéia macro de que a “[...]a educação tem como princípio fundamental a capacidade de crescimento do ser humano, que é ilimitada quanto a qualquer tentativa de previsão, ou seja, de antecipadamente indicar com precisão as possibilidades de cada um.”(MAZZOTA, 1987, p. 33)

Pensando que a Educação Especial pode fornecer atenção e condições específicas para um ensino direcionado às pessoas com necessidades educacionais especiais e que a Educação Física é uma dimensão da formação humana, por sua abrangência de conteúdos e capacidade de potencializar habilidades e valores, um elo entre as mesmas se estabelece, pelas necessidades tidas historicamente das duas áreas relacionadas ao ser humano e por suas responsabilidades que se complementam. No segmento deste elo, a Educação Física Adaptada (EFA) será apresentada no próximo título.

A ligação entre Educação Física(EF) e Educação Especial(EE) se estreitou mediante a necessidade de se pensar nas pessoas portadoras de deficiência - como se compreendia na época -. Isso fez com que a Ginástica Médica fosse substituída pela EFA que assumiu algumas responsabilidades específicas, englobando também a EF Corretiva, conforme, Silva, Seabra Junior e Araújo (2008).

Pedrinelli e Verenguer (2005) por sua vez, enfatizam que a EFA mereceu destaque por procurar produzir conhecimento destinado à pessoas com diferentes e peculiares condições para a prática de atividade física. A EF, de maneira geral, não daria conta de suprir todas as necessidades destas pessoas, conseqüentemente, a EF seguida de muitas reflexões em busca de sua identidade acadêmica e profissional, gerou interesse em quem também estava na área da EFA. Esta idéia se fundamenta quando pensamos que, bem antes da EF pensar em currículo estruturado, muitas pessoas que não eram da área da EF, trabalhavam seus conteúdos, na tentativa de contribuir no dia-a-dia das pessoas envolvidas.

A EF na escola, esta enquanto estrutura organizacional, se tratando como um todo, independente de ser Especial ou Regular, se constituiu então, em uma grande área de adaptação ao permitir a participação de crianças e jovens em atividades físicas adequadas às suas possibilidades, proporcionando que sejam valorizados e se integrem num mesmo mundo, Cidade e Freitas (2005).

Não é fácil tratar de conceitos e definições, mas poderíamos considerar que a EFA é uma parte da EF, cujos objetivos são o estudo e a intervenção profissional no universo das pessoas que apresentam diferentes e peculiares condições para a prática das atividades físicas. [...] tendo em vista o potencial de

desenvolvimento pessoal (e não a deficiência em si).  
(PEDRINELLI e VERENGUER, 2005, p. 4)

Souza e Costa (2004) destacam que as perspectivas traçadas para a EF e EE neste século XXI, se encaminham de acordo com o modelo inclusivo de educação, não se permite mais pensar em educação física adaptada desvinculada de educação física geral, bem como das demais áreas temáticas da educação, já que todas estão diretamente ligadas.

Com base nesta premissa, é plausível o desenvolvimento de atividades e estudos nesta modalidade inclusiva de ensino da EF, bem como a ação das instituições que de fato tem estas pessoas com necessidades especiais.

Para Pedrinelli e Verenguer (2005), a EFA amadurece como área de conhecimento e intervenção, a cada momento de estudo realizado, individual ou coletivamente, e é fundamental a reflexão acerca de tal manifestação.

Com base em diversas obras de autores como Leboyer(1995); Baptista e Bosa (2002); Schmidt e Bosa(2003); Williams e Wright(2008); Suplino(2005 e 2007), Lampreia(2004); Borges(2006); Souza e Santos(1998); Klin(2006); Assumpção e Pimentel(2000); Gadia, Tuchman e Rotta(2004); Farah e Goldenberg(2001); Avelar e Carvalho(2000); Marques(1998); Tustin(1998); entre outras, pode-se afirmar que a primeira caracterização do Autismo se deu, aproximadamente, no ano de 1943, pelo psiquiatra Leo Kanner, ao observar crianças internadas numa instituição, percebendo que o comportamento de um grupo delas diferenciava-se significativamente das demais, demonstrando distanciamento e não-funcionalidade à objetos, até mesmo brinquedos. Caracterizando, desta forma, as crianças autistas, segundo Leboyer (1995), tinham “[...] inaptidão para estabelecer relações normais com o outro; um atraso na aquisição da linguagem e, quando ela se desenvolve, uma incapacidade de lhe dar valor de comunicação [...] apresentando estereotipias gestuais”.

Segundo Bosa (2002), os dois sistemas que classificavam os transtornos mentais e o seu comportamento, a *Classificação dos transtornos mentais e de comportamento - CID* (The International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems – ICD) e o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM* (Diagnostic and Statistical Manual for Mental Disease), a partir da década de 80, houve uma revolução paradigmática quanto ao conceito do Autismo, retirando o mesmo da categoria de psicose no DSM –III, no DSM – III –R e na CID-10, passando, desta forma, a fazer parte dos Transtornos Globais do Desenvolvimento. Porém, a DSM-IV e a nova classificação pela CID-10 retratavam o autismo como Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID), este subgrupo é caracterizado por severas deficiências e prejuízo invasivo em múltiplas áreas do desenvolvimento, incluindo perdas na interação social recíproca e na comunicação, apresentando comportamentos, interesses e atividades estereotipadas.

A mesma autora destaca que o número de trabalhos e estudos realizados cresceu e gerando críticas da psiquiatra Lorna Wing, mencionando que a classificação por subgrupos do autismo, seria válida somente no modelo clínico, sendo indiferente para uma intervenção familiar, por exemplo. Baseado nesta premissa, a psiquiatra, sugere a nomenclatura Espectro Autista.

Segundo Williams e Wright (2008) na atualidade, o Autismo ou Os Distúrbios do Espectro do Autismo (Autistic Spectrum Disorder – ASD) é considerado, de maneira geral, como um distúrbio do desenvolvimento neurológico, que normalmente surge nos primeiros três anos de vida da criança. “As áreas que se encontram com um acentuado

comprometimento, são caracterizadas por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação” (FERNANDES, NEVES e SCARAFICCI, 2004, p. 1).

O Espectro do Autismo, originado de uma crítica à forma clínica estabelecida, como visto anteriormente, é assim chamado, por rotular um conjunto de síndromes relacionadas, originando um distúrbio mais complexo, que compromete algumas áreas do desenvolvimento humano, simultaneamente, conforme Williams e Wright (2008). Este distúrbio classifica-se em: Autismo Infantil, Síndrome de Asperger, Síndrome Desintegradora da Infância, Síndrome de Rett e Autismo Atípico/ Transtornos Invasivos Não-Especificados, assim elencados, por diversos autores como Suplino (2007); Martins, Preussler e Zavaschi (2002); Assumpção Jr e Pimentel (2000); Gadia, Tuchman e Rotta (2004); Souza e Santos (2003).

Em todos os âmbitos do trato com o autismo, os posicionamentos em relação a uma ou a outra teoria, são muitas vezes desfavoráveis, em função do indivíduo poder ser interpretado, de maneira geral, a partir de sua posição. Bosa (2002, p. 22) cita que “a concepção do autismo passa pela própria concepção de cada profissional sobre a relação entre desenvolvimento e psicopatologia; em um nível ainda mais básico, passa pela eterna discussão sobre a relação corpo-mente”, e requer como atitude do profissional e/ou professor que estará com estes indivíduos, “modéstia, humildade e cautela”, que segundo Bosa (2002), são cuidados inexoráveis para o trato com o autismo, por toda a história construída desta deficiência, pela sua abrangência enquanto sujeito e meio, e principalmente, por permitir esta interpretação inexata do que é.

Assim, Leboyer (1995, p. 73) menciona que “a maioria das pesquisas e descrições sobre o autismo realizadas até o momento foram feitas com a idéia de procurar entre as anomalias do autismo ligações de causa e efeito”, por isso o cuidado quanto ao posicionamento tomado em relação, principalmente, à origens de características e/ou comportamentos.

A partir do diagnóstico afirmativo do Espectro do Autismo, pode se pensar no tratamento para esta deficiência, para na medida do possível, melhorar a qualidade de vida das pessoas que tem este déficit, potencializando suas condições de aprendizagem.

Para o tratamento do autismo contrastando com a grande quantidade de tratamentos anunciados, ao revisar a literatura atual sobre as diferentes intervenções utilizadas com os autistas, observa-se que poucas tiveram embasamento empírico. Ainda que melhoras possam ser demonstradas em diferentes estudos, os resultados devem ser interpretados com cautela uma vez que estudos metodologicamente bem controlados são muito raros (BOSA, 2006, p. 52).

Levando em consideração esta idéia, Williams e Wright (2008) trouxeram alguns programas para o tratamento do autismo: Programa Hanen Adaptado, Análise Comportamental Aplicada, Treinamento de Integração Auditiva, Dietas, Golfinhos, EarlyBird, Higashy, Lovaas, Mifne, PECS, Treinamento de Integração Sensorial, Son-Rise, SPEEL e o TEACHH. A grande maioria destes métodos é de origem estrangeira e foram/são aplicados no Brasil em algum momento, lembrando que são apenas alguns, os possivelmente mais conhecidos.

O método TEACHH ainda é o mais utilizado no Brasil, por questões de adaptação e adequação de tempos (BOSA, 2006). A filosofia desta metodologia é “a noção de que os autistas fazem parte de um grupo cultural distinto, não inferior aos indivíduos sem autismo” (WILLIAMS e WRIGHT, 2008, p. 296). Nesta metodologia, organizar o espaço físico, com horários, planificação de expectativas e materiais visuais, são formas certas de se desenvolver aptidões e permitir níveis de autonomia ao autista.

Com base nos mais diversos estudos e metodologias, para que o grau de autonomia seja alcançado de forma eficaz, a família é indispensável para os avanços em melhoras na vida do autista, porém, as “famílias podem vivenciar uma série de emoções quando ficam sabendo que o filho tem autismo, entre as quais, perda, alívio, culpa e medo do futuro” (WILLIAMS E WRIGHT, 2008, p. 30).

A preparação dos pais, bem como demais envolvidos no tratamento deste Espectro, está envolvida numa complexidade, que quanto maior o número de profissionais envolvidos, através de seus conhecimentos específicos, melhor poderá ser o resultado obtido. Este quadro de extrema complexidade exige abordagens multidisciplinares eficazes, visando não somente a questão educacional e da socialização, sendo passíveis de prognósticos precisos e abordagens terapêuticas satisfatórias para todos os envolvidos, de acordo com Assumpção e Pimentel (2000).

Uma metodologia diferenciada em alguns aspectos é o CFN que segundo Suplino (2005) surgiu nos EUA, mais precisamente no Kansas, propondo um currículo que pudesse ser utilizado para crianças normais na faixa etária de quatro a cinco anos, com o objetivo de aumentar as respostas adaptativas e diminuir os comportamentos que tornassem as crianças menos integradas.

Depois de modificado e aplicado às pessoas com autismo e deficiência mental, aproximadamente na década de 90 a psiquiatra Dr. LeBlanc, fundadora e principal referência desta metodologia, designou a utilização da nomenclatura Currículo Funcional Natural.

Quanto à sua nomenclatura, FUNCIONAL – se apresenta no sentido de que as habilidades (objetivos) que serão ensinadas tenham função para a vida, que possam ser utilizadas de imediato ou num futuro próximo. O aluno poderá utilizar as atividades aprendidas em sua própria vida ou para contribuir em sua família ou comunidade. Determina-se o que é funcional através da realidade conhecida. NATURAL - está relacionado ao ato de ensinar. Às situações de ensino, materiais selecionados e procedimentos utilizados, bem como à lógica na execução das atividades(SUPLINO,2005).

O professor deveria de acordo com a responsabilidade de ser docente, de incorporar e transcender o conhecimento, conforme encontrar oportunidades de ensino que sejam naturais, evitando situações artificiais, que constroem a real possibilidade de se perderem nos contextos, quando não levados em consideração, pela falta de relevância.

Estas situações que são identificadas no contexto natural, levando em consideração a cultura corporal de movimentos que este indivíduo traz consigo, podem ser tematizadas pelo professor de EFI.

Segundo Suplino(2005), Natural também diz respeito à idade. Deveríamos buscar trabalhar com adultos utilizando materiais e situações destinados a adultos, e com crianças, materiais próprios para crianças. Assim não apresentáramos aos adultos jogos infantis, nem os colocaríamos em situações onde devam portar-se como crianças.

Segundo LeBlanc (apud SUPLINO, 2005), o ato de aprender deveria ser reforçador em si mesmo. Aprender deveria ser um prazer. Nessa medida, as aulas enfadonhas estão proibidas. O aluno deve gostar de fazer a atividade proposta. Em outras palavras, deve desejar estar envolvido. Deve querer aprender.

A Filosofia desta metodologia é “trata-me como a qualquer outra pessoa”, enxergando a pessoa antes da deficiência, e não o contrário.

Os Princípios Norteadores são: a pessoa como centro; concentração nas habilidades; todos podem aprender e a participação da família no processo de aprendizagem.

O currículo também deve ser passível de avaliação possibilitando ao educador a análise constante do processo de ensino-aprendizagem de modo que possam se perceber os avanços do aluno e os entraves que se apresentam assim, a avaliação deste método se dá desde o início, no momento da criação do vínculo com o autista e a partir daí se torna constante em todos os momentos presentes, inferindo sobre o CFN (SUPLINO, 2005).

A EF como meio pedagógico, tem contribuições significativas para fornecer às pessoas com o Espectro do Autismo. Sendo que, seus conteúdos abrangem todo e qualquer corpo, independente do estado cognitivo, diferenciando-se apenas pelas estratégias metodológicas desenvolvidas.

Pensando desta maneira:

A corporeidade é expressa no conjunto das manifestações corpóreas como dançar, jogar, lutar, entre outras, sendo que as mesmas constituem-se de físico, afetivo, social e cognitivo. Viver a corporeidade é viver todas as dimensões humanas em todas as situações vividas e, as PD podem e devem usufruir dessas manifestações, visto que seus corpos, independentemente das limitações, estão repletos de potencial, basta que lhes sejam oportunizadas as possibilidades de demonstrá-lo através das aulas de Educação Física Inclusiva (RECHINELI, PORTO e MOREIRA, 2008, p. 308).

De fato a percepção de mundo dos autistas é diferente. Déficit cognitivo, social e de comunicação estão presentes em níveis diversificados, Vatavuk (1996, p.5), propõe que se considere para a seleção das atividades: a adequação com a idade cronológica, informação total a partir de avaliações e a compatibilidade com os fatores culturais e familiares.

Esta proposta de adequação condiz com o CFN quando se menciona que o natural condiz também à idade. Portanto ao trabalharmos com adultos, as atividades realizadas sejam de adultos, assim como os materiais utilizados, e esta lógica se dá em qualquer faixa etária, inclusive com as crianças, conforme Suplino (2005).

Outro ponto importante nesta metodologia, na fala de Vatavuk (1996), é a interação com a família, de forma natural e com a criação do vínculo de amizade, conhecendo a realidade da mesma, em conjunto com o autista.

Quando Williams e Wright (2008) explicitam o “aprender a compreender emoções”, no processo de ajuda a criança autista, é plausível aos olhos da EF, que esta pode sem dúvidas construir/criar momentos, estruturados com ambientação e instrumentalização adequados, a fim de amenizar a dificuldade de compreensão do aspecto emoções no que diz respeito à interação social.

Considerando o ambiente como influenciador direto nas atitudes do indivíduo em geral, através de estudos realizados, autores como Scheuer (2002, p. 57) afirmam que nos autistas, “apesar do desenvolvimento motor quase sempre ser normal, essas crianças não exploram o ambiente como deveriam, ou quando o fazem parecem ser diferentes das demais”. Importante relação esta, que a EF pode estabelecer no decorrer de suas aulas, questionando o que é diferente neste explorar, pois, a aprendizagem de

forma funcional e natural detém uma probabilidade maior de ser desenvolvida pelos autistas (SUPLINO, 2005).

Com base nesta premissa conhecer o que o aluno autista realiza antes e depois de seus comportamentos tidos como principais (movimentos estereotipados, comportamentos autolesivos e auto-estimulatórios), é fundamental para o diagnóstico de por que acontecem tais manifestações.

A EF por si só, logicamente, não dá conta de suprir todas as necessidades do autista, o que convém que propostas efetivas possam atuar através de equipes multidisciplinares, indispensavelmente necessárias. Com base em todos os argumentos vistos até então “O autismo, na maioria dos casos, é uma condição que dura para toda a vida. Os indivíduos com este transtorno dificilmente podem viver de forma independente; necessitam sempre da família ou dos cuidados em uma instituição” (MARTINS, PREUSSLER e ZAVASCHI, 2002, p. 49). Situação que propõe de dedicação e estudo contínuo a quem lida com estes indivíduos.

### Considerações Não-Finais

Tratando da pessoa com deficiência, pensamos a Educação Física como agente pedagógico para a re-inclusão social, em função da sua abrangência de conteúdos, que criam possibilidades para amenizar os problemas causados pelos déficits específicos das deficiências.

Dentre muitas deficiências que enfrentam preconceito, se encontra o Autismo, decorrente de ser uma das deficiências mais complexas, por abranger as três áreas de desenvolvimento humano - interação social, comunicação e comportamento - e por envolver, também, uma série de fatores que entram em conflito com a subjetividade de quem a tem e de quem trabalha com a mesma.

Considerando esta complexidade, pensamos, conforme Haracopos (apud VATAVUK, 1996) que não existe precipitação em dizer que os problemas críticos são manifestações centrais no Espectro do Autismo, e que o tratamento individual do autista é a chave para melhorar a qualidade de vida destas pessoas. Contudo, os programas de educação física e exercícios devem se concentrar no ensino de movimentos e/ou atividades que tenham utilidade no dia-a-dia, possibilitando avanços de adaptação, usos sociais das atividades promovidas, podendo dar subsídios para dignificar a vida destas pessoas.

A relevância social de melhorar a qualidade de vida destes indivíduos se apresenta quando tratamos de ser humano, e como este, tem o direito à qualidade de vida, com a característica da dependência permanente de familiares e profissionais.

Pensando neste conjunto de elementos que envolvem esta deficiência, pensamos que

Compreender o autismo é abrir caminhos para o entendimento do nosso próprio desenvolvimento. Estudar o autismo é ter nas mãos um “laboratório natural” de onde se vislumbra o impacto da privação das relações recíprocas desde cedo na vida. Conviver com o autismo é abdicar de uma só forma de ver o mundo - aquela que nos foi oportunizada desde a infância [...] É percorrer caminhos nem sempre equipados com um mapa nas mãos, é falar e ouvir uma outra linguagem, é criar oportunidades

de troca e espaço para os nossos saberes e ignorância (BOSA, 2002, p. 37).

Além de propiciarmos atenção e o desenvolvimento destes indivíduos com autismo, esta deficiência compreende mais do que tratos clínicos ou pedagógicos. Compreende, essencialmente, entender que somos diferentes, e o que nos faz ser diferentes de fato, não é nosso corpo, uma deficiência, uma etnia, uma opção sexual, uma classe social ou muito menos sermos homens ou mulheres, o que nos faz diferentes de verdade, naturalmente por não sermos iguais, biologicamente, bem como termos experiências de vida diversificadas, é a nossa “Percepção de Mundo”.

Partindo desta idéia, acreditamos que o campo da EE pode ser muito explorado pelos profissionais da mesma, através das mais variadas metodologias, relacionadas às mais diversas deficiências. Com esta aproximação, pode ser possível a melhora da qualidade de vida das pessoas com deficiência, esta é uma perspectiva buscada neste momento, por uma grande parte de estudiosos deste assunto. Contemplando esta demanda, a EF também se legitima diante da sociedade e consolida seu conhecimento diante das demais áreas do conhecimento e da sociedade.

O Autismo como deficiência, apresenta muitos conflitos, e intervenções da EF, bem como de outras áreas do conhecimento, podem amenizar e ajudar na resolução destes conflitos, podendo estabelecer menos dúvidas acerca desta deficiência. A EF envolvida diretamente com a linguagem corporal, considera o indivíduo, como “sujeito na perspectiva de que é original e plural e sua existencialidade se expressa no seu mundo vivido sem a separação entre o psiquismo e o biológico, considerando que suas necessidades, desejos e vontades conduzem-no a se movimentar rumo a atingir seus ideais.”(GAIO e PORTO, 2006, p. 2).

Partindo deste pressuposto, acreditamos que, as atividades proporcionadas pela intencionalidade pedagógica da EF, a partir de elementos da cultura corporal deste indivíduo autista, possam influenciar de maneira positiva ou negativa nas ações diárias do mesmo, portanto, o professor de educação física, de forma reflexiva, “elabora seu conhecimento, o qual incorpora e transcende o conhecimento técnico-científico. No nosso entender, é isso que deveria distinguir, em nossa área um profissional com formação acadêmica de um leigo”(BETTI e BETTI, 1996, p. 12). Participar da melhoria da qualidade de vida do autista e atender a demanda social, de ser um professor que exercita insistentemente práticas pedagógicas, com fins de mediar o conhecimento a um ser humano em formação, portanto, se legitima visto os argumentos apresentados.

#### Referências

ASSUMPCÃO JR, F B. e PIMENTEL, A. C. M. Autismo Infantil. Rev. Bras. Psiquiatr. 22(Supl I):37-9, São Paulo, 2000.

AVELAR, T. e CARVALHO, G. Os efeitos da interpretação do adulto na fala da criança autista. III Conferência de Pesquisa Sócio-Cultural: Conhecimento – A dinâmica de produção do conhecimento: processos de intervenção e transformação. 16 à 20 de julho. Campinas, SP – Brasil, 2000.

BETTI, M. 2006

BETTI, I.C. R; BETTI, M. Novas Perspectivas na Formação Profissional em Educação Física. Rev. MOTRIZ - Volume 2, Número 1, Junho/1996

BORGES, T.P. Considerações sobre o Autismo Infantil. Mental - ano IV - n. 7 nov. Barbacena, 2006. p. 137-146.

BOSA, C. A.. Autismo: atuais interpretações para antigas observações. In: BAPTISTA, C. R. e BOSA, C. (Org.). Autismo e Educação: Reflexões e propostas de intervenção. Porto Alegre; Artmed, 2002

BOSA, C. A. Autismo: intervenções psicoeducacionais. Rev. Bras. Psiquiatr. 28 (Supl I): Porto Alegre, 2006. S47-53

CIDADE, R.E; FREITAS, P.S. Educação Física e Inclusão: Considerações para a Prática Pedagógica na Escola. Rev. INTEGRAÇÃO – MEC, 2005.

FARAH, L. e MIRIAN, G. O Autismo Entre Dois Pontos. Rev. CEFAC. 3 :19-26, São Paulo, 2001.

FERNANDES, A.V.; NEVES, J. V. A.; SCARAFICCI, R.A. Autismo. Universidade Estadual de Campinas – SP, 2004. p. 1-9

GADIA, C. A.; TUCHMAN, R. e ROTTA, N. T. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. Jornal de Pediatria - Vol. 80, Nº2(supl), São Paulo, 2004.

GAIO, R.; PORTO, E. Educação Física e pedagogia do movimento: possibilidades do corpo em diálogo com as diferenças. In: DE MARCO, A. (Org.). Educação Física: cultura e sociedade. Campinas: Papyrus, 2006.

KLIN, A. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. Ver. Bras. Psiquiatr. 28(Supl I):S3-11, São Paulo, 2006.

LAMPREIA, C. Os Enfoques Cognitivista e Desenvolvimentista no Autismo: Uma Análise Preliminar. Psicologia: Reflexão e Crítica. Rio de Janeiro: 17(1), pp.111-120, 2004.

LeBLANC, J. Curriculum Funcional/Natural para La vida – La definicion y desarrollo histórico Centro de Educación Especial. Ann Sullivan. Perú, 1998.

LEBOYER, M. Autismo Infantil: Fatos e Modelos. (Tradução: Rosana Guimarães Dalgalarondo) 2 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

MARQUES, C. Autismo – Intervenção terapêutica na 1.<sup>a</sup> Infância. Análise Psicológica. 1 (XVI): 139-144, São Paulo, 1998.

MARTINS, A. S. G.; PREUSSLER, C. M.; ZAVASCHI, Maria L. S. A psiquiatria da Infância e da Adolescência e o autismo. In: BAPTISTA, Claudio Roberto e BOSA, Cleonice (Org.). Autismo e Educação: Reflexões e propostas de intervenção. Porto Alegre; Artmed, 2002.

MAZZOTA, M.J.S. Educação Escolar: comum ou especial? São Paulo: Pioneira, 1987.

\_\_\_\_\_. Educação Especial no Brasil: Histórias e Políticas Públicas. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

MINAYO, M. Cecília de Souza (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PEDRINELLI, V. J. VERENGUER, R.C.G. Educação Física Adaptada: Introdução ao Universo das Possibilidades. In: GORGATTI, Márcia Greguol; COSTA, Roberto Fernandes da (Org.). Atividade Física Adaptada: Qualidade de Vida para Pessoas com Necessidades Especiais. Barueri, SP: Manole, 2005.

RECHINELI, A.; PORTO, E.T.R.; MOREIRA, W.W. Corpos Deficientes, Eficientes e Diferentes: Uma Visão A partir da Educação Física. Rev. Bras. Ed. Esp. v.14, n.2, Mai.-Ago. Marília. 2008. p.293-310

SILVA, R.F; SEABRA JUNIOR, L; ARAÚJO, P.F. Educação Física Adaptada no Brasil: da História à Inclusão Educacional. São Paulo: Phorte, 2008.

SOUZA, P.M.L; SANTOS, I.M S.C. Caracterização da Síndrome Autista. 2003. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt>. Acessado em: 31 out. 2008.

SUPLINO, M. Currículo funcional natural: guia prático para a educação na área do autismo e deficiência mental - Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Maceió: ASSISTA, 2005.

\_\_\_\_\_. Retratos e Imagens das Vivências Inclusivas de Dois com Autismo em Classes Regulares. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade e Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

THIOLLENT, M. Metodologia da Pesquisa-ação. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

TRIPP, D. Pesquisa-Ação: uma introdução metodológica. Tradução: de Lólio Lourenço de Oliveira. Revista Educação e Pesquisa. v. 31, n. 3, set./dez. São Paulo, 2005. p. 443-466

TUSTIN, F. Autismo e Psicose Infantil. Rio de Janeiro: IMAGO, 1975.

VATAVUK, M.C. Autismo-Educação Física/ Ensinando Educação Física e Indicando Exercícios em uma Situação Estruturada e em um Contexto Comunicativo: Foco na Integração Social. Congresso Autismo – Europa. Barcelona, 1996.

WILLIAMS, C.; WRIGHT, B. Convivendo com o Autismo e Síndrome de Asperger: Estratégias para pais e profissionais. São Paulo: M. Books do Brasil, 2008.

Vanessa Marocco  
End. Av. Senador Atílio Fontana E-2392 ap 207  
Bairro: EFAPI Chapecó –SC 89809000  
Email: [vanessamarocco@unochapeco.edu.br](mailto:vanessamarocco@unochapeco.edu.br)

Carla dos Reis Rezer  
Domingos Cherubin,91 D - Palmital  
Chapecó-SC 89814120  
[rezer@unochapeco.edu.br](mailto:rezer@unochapeco.edu.br)

Material para apresentação comunicação oral: Datashow

